

# Economia submersa

Antonio David Cattani\*

*Bico, subemprego, trabalho autônomo, economia informal, economia submersa. São muitos os nomes que a imprensa e os especialistas dão para um mesmo fenômeno: o conjunto de atividades econômicas que, cada vez mais, após o agravamento da crise, passaram a se desenvolver fora da empresa capitalista padrão.*

*Quais são as perspectivas que esse novo mercado de trabalho cria para o sistema econômico: ruptura ou renovação do capitalismo que conhecemos?*

**A** economia capitalista passa talvez pela mais séria crise de sua história. Os economistas identificados com os interesses dominantes acham que não existe crise. O que está acontecendo é apenas uma “turbulência” no equilíbrio habitual ou um “disfuncionamento” no processo normal de crescimento. Entre eles, porém, há discordância quanto às causas da “disfunção”. Os que seguem Keynes — o primeiro grande economista a pregar a intervenção do Estado para evitar os altos e baixos do capitalismo — dizem que a culpa é do mercado, que apresenta uma incapacidade crescente para regular a economia.

\* Antonio David Cattani é economista e diretor da Fundação Wilson Pinheiro de Porto Alegre.

Os neoclássicos ortodoxos, mais conservadores, valorizam a liberdade do mercado e o sistema de concorrência, e acham que a responsabilidade é do Estado com sua excessiva intervenção. No caso brasileiro, a “explicação” fica ainda mais fácil: a culpa é da crise internacional, particularmente, da crise do petróleo.

De modo geral, acreditam que, eliminados os pontos de estrangulamento e os desajustes provisórios, a regulação se dará novamente, permitindo um novo período de estabilidade ou de crescimento. Enfim, nada de muito sério e nada de novo a cada etapa da vida “eterna” do capitalismo.

Para os marxistas, o processo não é tão tranquilo assim. Segundo Lenin, “toda crise significa aceleração do desenvolvimento, agravamento das contradições e de suas manifestações, e a falência de tudo o que é podre”. O desenvolvimento contraditório das forças produtivas, a centralização e a concentração excessivas do capital, ou seja, a crise do regime de acumulação do capital (modo de acumulação e formas de exploração), chegará a tal ponto que a ruptura ou a destruição do modo de produção capitalista será inevitável. Enfim, tudo muito grave e muitas coisas novas a cada etapa na vida provisória do capitalismo.

À luz desses posicionamentos, é interessante analisar um fenômeno que, no Brasil, com a crise, passou

a ter seu significado e importância redefinidos. Trata-se da ampliação do conjunto de atividades desenvolvidas fora da empresa capitalista padrão: setor informal, atividades ditas artesanais, atividades autônomas e as microempresas. Embora sem grande peso econômico em termos de produção material, esse conjunto envolve um grande número de trabalhadores. Estima-se que 1/4 da população economicamente ativa esteja no mercado informal, ou seja, mais de 12 milhões de pessoas.

A consolidação das normas capitalistas e o processo de concentração e centralização do capital reduzem as oportunidades empresariais. Padrões tecnológicos e imposições legais (entre elas, as conquistas sociais dos trabalhadores) fixam "barreiras à entrada" de novos capitalistas na esfera produtiva.

Nesse contexto, o setor informal, o artesanato e as microempresas aparecem por duas razões: 1) para ocupar os interstícios que as empresas não conseguem preencher; 2) como maneira de burlar imposições fiscais e, sobretudo, a legislação trabalhista.

Em época de crise, acrescentam-se novas condições. A recessão e a reciclagem da economia diminuem brutalmente o número de empresas e reduzem o nível de vida de grande parte da população. Nessas circunstâncias, o que eram serviços e produtos assessoriais ao aparelho produtivo, e, sobretudo, um expediente permitindo a manutenção de parte do exército industrial de reserva, passa a ser a alternativa de sobrevivência de pessoas de diferentes níveis de renda.

E é nesse momento que, o que antes era algo marginal ao sistema, revela seu verdadeiro significado e importância. Para a felicidade dos neoclássicos ortodoxos, milhares de aprendizes de capitalistas lançam-se no mercado, renovando uma classe que vinha diminuindo dia após dia, ou melhor, vinha sendo reduzida pela concorrência intercapitalista, pela luta entre os "irmãos inimigos".

---

### *Revolucionários donos de bares*

---

Desempregados, doutores, operários qualificados, professores ou a pequena burguesia, que vê seu nível de vida baixar, procuram no pequeno comércio, nas microempresas ou nos serviços especializados a saída para a crise. Intelectuais e revolucionários abrindo bares e restaurantes, ex-operários instalando pequenas oficinas, arquitetos vendendo produtos ecológicos, professores fazendo artesanato para a feira de domingo são alguns patéticos exemplos da realidade urbana atual.

Apesar das boas intenções, a consequência é a renovação do capitalismo. São saídas individuais e não a negação revolucionária e coletiva da condição operária ou de explorado.

Pode-se argumentar que não se tratam de atividades capitalistas, pois não há a produção do valor, assegurando a reprodução do capital. Pouco importa. O que interessa é que o mais importante está presente, ou seja, a lógica, a racionalidade.



dade capitalista. Não há ruptura, mas acomodação à ordem capitalista. O que se instaura com o sucesso desses empreendimentos são as relações de produção capitalista.

Esse processo se disfarça, inicialmente, com princípios autogestionários ou cooperativos. Isso entre os sócios. A faxineira, o garçom, o auxiliar, o operário, etc., que vierem a participar em caso de expansão do negócio, terão seu estatuto regido pelas relações sociais do modo de produção dominante.

A livre iniciativa, que significa antes de mais nada liberdade para explorar a força de trabalho, é uma regra importante para a renovação

do capitalismo. As tentativas de inserção na esfera produtiva social têm um saldo muito grande de fracassos, mas o que conta é que o movimento é incessante e diversificado. Os sobreviventes da contínua eclosão de novas empresas permitem ao modo de produção capitalista reproduzir-se apesar do agravamento das contradições em certos níveis.

Para todos esses que colaboram nesse processo, a vontade é de mandá-los plantar batatas. O problema é que eles irão... e logo aparecerá mais uma empresa capitalista. ★

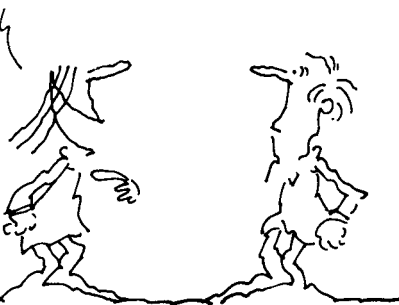
ESTA' GOSTANDO  
DA NOVA  
REPÚBLICA?



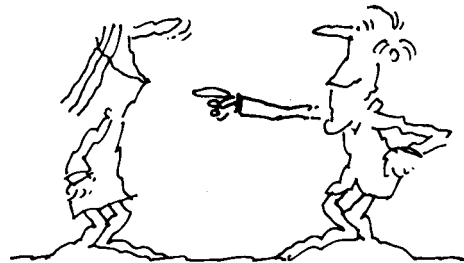
ONDE  
ELA  
ESTA'?



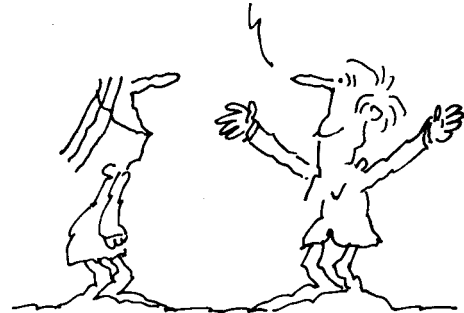
EU SOU A  
NOVA  
REPÚBLICA



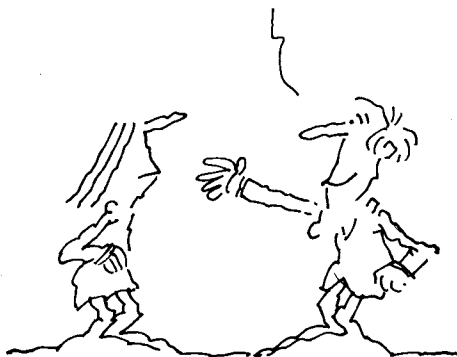
VOCE'?



MAS... SE EU  
CONHEGO VOCE'  
HA TANTO TEMPO!



A MESMA CARA,  
O MESMO JEITO



O MESMO CABELO,  
O MESMO VESTIDO



O MESMO SAPATO



BUAAAAA



SEU MONSTRO  
INSENSIVEL



EU SABIA QUE VOCÊ  
NÃO IA REPARAR  
NO MEU BRINCO  
NOVO.

